

**EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO**  
**12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)**  
**Cursos Gerais – Agrupamentos 3 e 4**

Duração da prova: 120 minutos  
2006

2.ª FASE

**PROVA ESCRITA DE FILOSOFIA**

---

Esta prova é constituída por dois grupos de itens.

O GRUPO I inclui dois itens sobre uma única obra:

Um item de relação entre dois conceitos ou de justificação de uma tese;

Um item de análise de texto.

O GRUPO II inclui um item de desenvolvimento de um tema dado, a partir de uma única obra.

## GRUPO I

Na página seguinte encontrará um índice das obras para este grupo.

Selecione **APENAS UMA OBRA** e responda aos dois itens formulados.

Na resposta ao item 1:

- utilize aproximadamente 160 palavras (cerca de 20 linhas), número indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta;

Na resposta ao item 2:

- utilize aproximadamente 320 palavras (cerca de 40 linhas), número indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta;
- a mera transcrição de frases do texto implica a classificação de zero pontos.

## ÍNDICE DAS OBRAS DO GRUPO I

	Página
- O MESTRE, Santo Agostinho .....	4
- PROSLOGION, Santo Anselmo .....	4
- O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino .....	5
- RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura .....	5
- INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Hegel ..	6
- TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental .....	6
- O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, Nietzsche .....	7
- DA CERTEZA, Wittgenstein .....	7
- O ELOGIO DA FILOSOFIA, Merleau-Ponty .....	8
- OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, Russell .....	8
- PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho .....	9
- SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, Heidegger .....	9
- TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, Ricœur .....	10

## O MESTRE, Santo Agostinho

1. Justifique a tese segundo a qual toda a palavra é um nome, explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explique a primazia do conhecimento das coisas sobre o conhecimento das palavras. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

ADEODATO – (...) ao dizermos «imundície», julgo que este nome é incomparavelmente superior à coisa que significa. O que nos fere ao ouvi-lo não pertence ao som da palavra mesma (...). Por conseguinte, de modo nenhum atribuirei a este sinal o que aborrecemos na coisa que ele significa. Portanto, a esta antepoño justamente aquele. De facto, com mais agrado ouvimos o sinal do que nos apercebemos dessa coisa por meio de algum sentido. (...)

AGOSTINHO – Podes ao menos tu saber o que pretendes quando pronuncias esse nome?

ADEODATO – Isso posso perfeitamente, pois quero proferir um sinal, para ensinar ou advertir dessa realidade a pessoa com quem falo, visto julgar necessário ensiná-la ou adverti-la.

- AGOSTINHO – Mas quê? O mesmo ensinar ou advertir, bem como o ser ensinado ou advertido, coisa que tu ou fazes ou te é feita comodamente por meio deste nome – não será mais digno de estima do que o mesmo nome?

ADEODATO – Concedo que a ciência mesma, que advém por este sinal, se deve antepor ao próprio sinal; mas nem por isso julgo que a própria realidade também.

- AGOSTINHO – Por conseguinte, nessa nossa afirmação, embora seja falso que todas as coisas se devem antepor aos seus sinais, não é todavia falso que tudo o que é por causa de outra coisa merece menos estima do que aquilo por causa do qual é. De facto, o conhecimento da imundície, em razão do qual se formou este nome, deve ser tido em maior conta que o mesmo nome; este, por sua vez, como verificámos, deve antepor-se a essa mesma imundície. Efectivamente, não foi por outro motivo que se antepôs este conhecimento ao sinal de que tratámos, senão por se demonstrar que o sinal é por causa do conhecimento, e não este por causa daquele.

Trad. António Soares Pinheiro, Porto, Porto Editora, 1995, pp. 83-84

---

## PROSLOGION, Santo Anselmo

1. Justifique a tese segundo a qual «Deus é anterior e ulterior a todas as coisas, mesmo às realidades eternas», explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, esclareça os limites da inteligência humana. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

### XIV – Como e porquê Deus é visto e não é visto por aqueles que O procuram.

- Acaso, ó minha alma, encontraste o que buscavas? Procuravas Deus e descobriste que Ele é algo entre todos supremo, *melhor do que o qual nada pode ser pensado* e que Isso mesmo é a própria vida, a luz, a sabedoria, a bondade, a felicidade eterna e a eternidade feliz e que [tal entidade] existe sempre em toda a parte. De facto, se não encontraste o teu Deus, como é ele Isso que encontraste e que entendeste com certíssima verdade e tão verdadeira certeza? Se porém encontraste, por que é que não sentes o que encontraste? Por que não te sente a minha alma, Senhor Deus, se Te encontrou? (...)

- Senhor Deus meu, formador e re-formador de mim próprio, diz à minha alma que te deseja que outra coisa existe além do que viu para que veja nitidamente o que deseja. Esforça-se por ver mais e nada vê senão trevas para além daquilo que já vê, ou melhor, não vê trevas que em Ti não existem, mas vê que não pode ver mais devido às suas trevas. Porquê isso, Senhor, porquê? Obscurece-se o seu olhar devido à sua fraqueza ou ofusca-se pelo Teu fulgor? Mas, sem dúvida, em si obscurece-se e por Ti é ofuscada. Obscurece-se pela sua vista curta e perde-se na Tua imensidade e, verdadeiramente, é apertada pela sua estreiteza e é oprimida pela Tua amplidão.

Trad. Costa Macedo, Porto, Porto Editora, 1996, p. 31

## O ENTE E A ESSÊNCIA, São Tomás de Aquino

1. Justifique a tese segundo a qual «o existir da substância composta não é o da forma apenas, nem somente o da matéria, mas o do próprio composto», explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explicita a natureza das Inteligências. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

(...) tudo o que convém a alguma coisa ou é causado pelos princípios da sua natureza, como no homem a capacidade de rir, ou advém-lhe de algum princípio extrínseco, como a luminosidade no ar por influência do Sol. Ora não é possível que o próprio existir seja causado pela própria forma ou quiddidade de um ser (quero dizer, como por uma causa eficiente), pois desse modo uma coisa seria causa de si mesma e uma coisa passaria a existir por si mesma, o que é impossível. Por conseguinte, é necessário que toda a realidade, cujo existir é diverso da sua natureza, exista a partir de outro. E como tudo o que é «por outro» remete ao que é «por si», como à causa primeira, é necessário que haja uma realidade que seja a causa do existir de todas as outras coisas, por ela ser tão-somente o existir. De outro modo, ir-se-ia até ao infinito nas causas, visto que toda a realidade que não é apenas existir tem uma causa do seu existir, como se disse. É evidente portanto que a Inteligência é forma e existir, e que tem o existir recebido do primeiro ser, que é unicamente o existir. E esta é a causa primeira, que é Deus.

Mas tudo aquilo que recebe alguma coisa a partir de outro está em potência em relação a esse outro, e aquilo que é recebido nele é o seu acto. Consequentemente, é necessário que a própria quiddidade ou forma que é a Inteligência esteja em potência quanto ao existir que recebe de Deus. Esse existir é recebido à maneira de acto. (...) E porque, conforme se disse, a quiddidade da Inteligência é a própria inteligência, a sua quiddidade ou essência é aquilo mesmo que ela é, e o seu existir recebido de Deus é aquilo pelo qual subsiste na natureza das coisas. É por esta razão que alguns dizem que estas substâncias se compõem de «aquilo por que é» e de «aquilo que é», ou como Boécio diz, de «aquilo que é» e de «ser».

Trad. Mário Santiago de Carvalho, Porto, Edições Contraponto, 1995, pp. 90-91

---

## RECONDUÇÃO DAS CIÊNCIAS À TEOLOGIA, São Boaventura

1. Justifique a tese segundo a qual o conhecimento sensitivo opera por similitude, explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explique as finalidades do conhecimento humano. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

Pelo que, ainda que muito adequadamente se possam reconduzir estas seis iluminações às seis formações ou iluminações pelas quais foi criado o mundo, de tal modo que o conhecimento da Sagrada Escritura corresponda à primeira formação, isto é, à formação da luz; e assim sucessivamente as outras na sua ordem. E, tal como todas elas tinham origem em uma só luz, assim também todos estes conhecimentos se ordenam para o conhecimento da Sagrada Escritura, nela se encerram e nela se aperfeiçoam, e por meio dela se ordenam à iluminação eterna. Donde se segue que todo o nosso conhecimento deve terminar no conhecimento da Sagrada Escritura, e principalmente quanto ao entendimento da anagogia, pelo qual a iluminação se orienta para Deus, onde teve o começo. E assim se fecha aí o círculo, se completa o número seis e, consequentemente, a estabilidade.

Trad. Mário Santiago de Carvalho, Porto, Porto Editora, 1996, pp. 18-19

V.S.F.F.

## INTRODUÇÃO ÀS LIÇÕES SOBRE HISTÓRIA DA FILOSOFIA, Hegel

1. Relacione ciências e filosofia, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, justifique que a liberdade do pensar é condição de possibilidade da filosofia. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

O pensar tem que ser para si, que vir à existência na sua liberdade, que se arrancar do natural e que, a partir do seu estar-afundado [no natural], sobressair na intuição. O pensar tem que entrar em si como livre; é, com isso, posta [uma] consciência da liberdade.

- 5 O começo propriamente dito da filosofia é de fazer lá onde o absoluto não está mais como representação; o pensamento livre não pensa meramente o absoluto, mas capta a Ideia dele: isto é, o ser (que também o próprio pensamento pode ser) que ele reconhece como a essência das coisas, como a totalidade absoluta e a essência imanente de tudo – por conseguinte, se de resto houvesse também algo como um ser exterior, ele seria todavia captado como pensamento.(...)

- 10 Esta determinação universal, o pensar que se põe a si próprio, é determinidade abstracta. Ela é o começo da filosofia; este é, simultaneamente, algo de histórico: a figura concreta de um povo, cujo princípio isto constitui, como nós já dissemos. Um povo que tem esta consciência da liberdade funda a sua existência sobre este princípio. A legislação, todo o estado do povo têm o seu fundamento somente no conceito que o espírito faz de si, nas categorias que ele tem.

- 15 Se nós dizemos que ao comparecer da filosofia pertence a consciência da liberdade, este princípio tem que estar na base do povo onde se inicia a filosofia; pelo lado prático, conecta-se com isto que a liberdade real, a liberdade política, floresça.

Trad. José Barata-Moura, Porto, Porto Editora, 1995, p. 148-149

---

## TENDÊNCIAS GERAIS DA FILOSOFIA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX, Antero de Quental

1. Justifique a tese segundo a qual «não há ser completamente determinado por outro», explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explicita a relação entre filosofia e verdade. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

- 5 A filosofia alimenta-se das suas próprias dúvidas. Duvidar não é só uma maneira de propor os grandes problemas: é já um começo de resolução deles, porque é a dúvida que lhes circunscreve o terreno e que os define; ora, um problema circunscrito e definido é já uma certa verdade adquirida e uma preciosa indicação para muitas outras verdades possíveis. É pela dúvida que a filosofia concebe, é a dúvida que a torna fecunda e a sua relatividade é, afinal, toda a sua razão de ser.

- 10 Iludem-se então os que procuram a verdade na filosofia? Sim e não. Iludem-se, por certo, se procuram na filosofia a verdade total e definitiva, a fórmula completa, nítida e inalterável da lei suprema das coisas, esse segredo transcendental que, uma vez conhecido, se isso fosse possível, os tornaria deuses, segundo a expressão bíblica, ou, segundo o nosso modo de ver, os tornaria inertes, ininteligentes, moralmente decrépitos, adormecidos beatificamente à sombra da árvore da ciência. Saber tudo equivaleria a nada saber. Uma filosofia definitiva, feita e assente uma vez para todo o sempre, implicaria a imobilidade do pensamento humano: o absoluto anestesiá-lo-ia. Essa tal verdade, aspiração ingénuo de espíritos incultos, pode animar os crentes e exaltar os entusiastas: nos domínios do puro pensamento nunca produzirá senão vertigem e ilusão.

Lisboa, Editorial Presença, 1999, p. 44

## O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA, Nietzsche

1. Relacione os conceitos de pessimismo prático e de optimismo teórico, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explicito o contributo da cultura alemã para o renascimento do espírito trágico. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

Se porém (...) relacionámos justamente o desaparecimento do espírito dionisíaco com uma transformação e degeneração, altamente assinalável mas até agora inexplicável, do homem grego – quantas esperanças têm de avivar-se em nós à medida que os mais seguros auspícios garantem o processo inverso, o despertar gradual do espírito dionisíaco no nosso mundo actual! (...) Do fundamento dionisíaco do espírito alemão elevou-se um poder que nada tem em comum com as condições originárias da cultura socrática e não pode a partir dela ser explicado nem desculpado, sendo ao contrário sentido por esta cultura como algo terrível e inexplicável, como algo poderosíssimo e hostil, a música alemã, tal como a entendemos na sua poderosa órbita solar de Bach a Beethoven, de Beethoven a Wagner. Que pode fazer no melhor dos casos o socratismo dos nossos dias, na sua volúpia de conhecimento, com este demónio que se ergue a partir de inesgotáveis profundezas? Nem a partir dos floreados e arabescos da melodia operática nem com o auxílio da tabela aritmética da fuga e da dialéctica contrapontística poderá ser encontrada a fórmula que dê uma luz triplamente poderosa, tornando possível subjugar aquele demónio e obrigá-lo a falar. (...)

Lembremos então como foi possível ao espírito da filosofia alemã que brota da mesma fonte, por meio de Kant e Schopenhauer, destruir o complacente prazer existencial do socratismo científico através da demonstração dos seus limites, do mesmo modo que tal demonstração veio introduzir uma consideração infinitamente mais profunda acerca das questões éticas e da arte, que podemos directamente designar como sendo a sabedoria dionisíaca expressa em conceitos: para onde aponta o mistério dessa unidade entre a música alemã e a filosofia alemã senão para uma nova forma de existência, cujo conteúdo apenas podemos aprender intuitivamente a partir de analogias helénicas?

in *Obras Escolhidas de Friedrich Nietzsche*, vol. I, trad. Teresa Cadete, Lisboa, Relógio d'Água, 1997, pp. 139-140

---

## DA CERTEZA, Wittgenstein

1. Justifique a tese segundo a qual «uma pessoa não pode fazer experiências se não houver coisas de que não duvide», explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, esclareça a relação entre proposição empírica e sistema de crenças. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

136. Quando Moore diz que *sabe* isto e aquilo, está realmente a enumerar um número de proposições empíricas que afirmamos sem verificação especial; proposições que têm um papel lógico especial no sistema das nossas proposições empíricas.

137. Mesmo se um homem da maior confiança me assegura que *sabe* que as coisas são desta e daquela maneira, só isso não me convence de que ele o sabe realmente. Apenas de que ele crê que sabe. É por isso que a asseveração de Moore de que sabe... não nos interessa. Contudo, as proposições que Moore indica como exemplos dessas verdades sabidas são de facto interessantes. Não porque qualquer pessoa saiba que são verdade ou acredite que ele saiba, mas porque todas têm um papel *semelhante* no sistema dos nossos juízos empíricos.

138. Não chegamos, por exemplo, a nenhuma delas como resultado de uma investigação.

Há, por exemplo, investigações históricas e investigações respeitantes à forma e também à idade da Terra, mas não quanto à Terra ter existido durante os últimos cem anos. Evidentemente muitos de nós fomos informados acerca desse período pelos nossos pais e avós; mas não poderão estes estar enganados? – «Absurdo!» dir-se-á «Como poderiam todas estas pessoas estar enganadas?» Mas será isso um argumento? Não será apenas a rejeição de uma ideia?

Trad. Maria Elisa Costa, Lisboa, Edições 70, 2000, p. 51

## O ELOGIO DA FILOSOFIA, Merleau-Ponty

1. Justifique a tese segundo a qual «o sentido histórico é imanente ao acontecer inter-humano», explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, esclareça em que medida Sócrates é um modelo para a filosofia. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

A vida e a morte de Sócrates são a história das difíceis relações que o filósofo, que não é protegido pela imunidade literária, mantém com os deuses da cidade, isto é, com os outros homens e com o absoluto imobilizado cuja imagem lhe apresentam. Se o filósofo fosse um revoltado, chocá-los-ia menos. Porque, enfim, cada um de nós sabe que, excepção feita ao nosso caso, o mundo tal como está é inaceitável; gostamos que isto se escreva, para honra da humanidade, e para o podermos esquecer depois, quando regressarmos aos nossos afazeres. Por isso a revolta não nos desagrada. O que se passa com Sócrates é diferente. Ensina que a religião é verdadeira e há até quem o tenha visto oferecer sacrifícios aos deuses. Ensina que se deve obedecer à Cidade, e é o primeiro a obedecer-lhe incondicionalmente. (...) Sócrates acredita na religião e na Cidade em espírito e em verdade (...). Ele e os juizes não estavam *no mesmo plano*. Se se tivesse explicado melhor, teriam compreendido que não procurava novos deuses nem desprezava os de Atenas: limitava-se a dar-lhes sentido, a interpretá-los. O pior é que esta operação não é tão inocente como isso. É no universo do filósofo que se salvam os deuses e as leis, compreendendo-as, e, para fazer baixar à terra o *plano* da filosofia, foram justamente precisos filósofos como Sócrates.

Trad. António Braz Teixeira, Lisboa, Guimarães Editores, 1998, pp. 46-49

---

## OS PROBLEMAS DA FILOSOFIA, Russell

1. Justifique a tese segundo a qual a verdade depende da correspondência a um facto, explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explicita as críticas ao idealismo. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

Mostra [Berkeley] que o que conhecemos imediatamente, sempre que percebemos uma árvore, tudo afinal consiste em «ideias» (...); e diz que não há sombra de razão para supor algo real a respeito da árvore a não ser aquilo que percebemos. O seu ser, afirma ele, consiste em ser percebida (...). Admite de maneira plena que continua a existir a mesma árvore quando nós fechamos os nossos olhos, ou quando não há perto pessoa alguma. Mas procede esta existência continuada, segundo Berkeley, de que Deus continua a percebê-la; a árvore «real» (que corresponde ao que chamamos objecto físico) consiste em «ideias» no espírito de Deus (...).

A plausibilidade da ideia de Berkeley (...) está dependente, ao que me quer parecer, da confusão da coisa percebida com o nosso acto de percepção. (...)

Esta distinção entre o acto e o objecto, no nosso apreender ou perceber as coisas, assume importância capitalíssima, pois que toda a capacidade de conhecimento se nos apresenta com ela vinculada. A principal característica de um espírito é a faculdade de ter trato com coisas que são diversas do mesmo espírito. O trato mental com as coisas consiste essencialmente numa relação entre o espírito e algo que não é o espírito; é isto que constitui, afinal de contas, o poder do espírito de conhecer coisas. Se nós dissermos, por conseguinte, que as coisas conhecidas devem estar no espírito, ou limitamos indevidamente o dom de conhecer que possui o espírito, ou enunciamos uma tautologia. Dizemos uma tautologia se pela expressão «em o espírito» queremos significar «perante o espírito».

Trad. António Sérgio, Coimbra, Livraria Almedina, 2001, p. 48-51



## PROBLEMÁTICA DA SAUDADE & ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA CONSCIÊNCIA SAUDOSA, Joaquim de Carvalho

1. Justifique a tese segundo a qual só a análise fenomenológica permitirá determinar as componentes do acto saudoso, explicando o seu significado no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, justifique que a consciência saudosa não assume posição teórica nem posição prática. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

(...) a consciência saudosa não toma a posição teórica, isto é, a posição que a partir de dúvidas se exprime por juízos existenciais, nem a posição prática, isto é, a posição que se exprime por decisões. A posição saudosa é ensimesmada e contemplativa; por isso o conhecimento inerente à saudade não é um conhecimento que é ou possa vir a ser científico, isto é, impessoal, de todos e para todos, nem o comportamento da consciência saudosa dá ensejo ao remorso, apesar de a saudade e o remorso radicarem em tendências e concretizações que se enraizaram no âmago do eu pessoal. Assim considerada, a saudade não é a captação sensível de uma realidade extramental, nem a emanção de existências ideais ou irrealis, nem tão-pouco a criação fantasista da pura subjectividade, porque é um estado que se constitui a partir de uma situação presente mediante a representação de entes ausentes ou de situações anteriormente vividas com plenitude ou vitalmente imaginadas.

in *Obra Completa*, vol. V, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1987, pp. 120-121

---

## SOBRE A ESSÊNCIA DA VERDADE, Heidegger

1. Relacione a concepção tradicional de verdade e a concepção de verdade como desvelamento/velamento, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, justifique que a liberdade é «entrega à desocultação do ente enquanto tal». Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

A liberdade não é somente aquilo que o entendimento vulgar deixa circular com este nome, a saber, o capricho que ocasionalmente emerge para nos inclinarmos na escolha, para este ou para aquele lado. A liberdade não é o desprendimento quanto ao poder ou não fazer. Mas a liberdade também não é a disponibilidade para o que é exigido e necessário (e assim, de qualquer modo, um ente). A liberdade é, antes de tudo isso (liberdade «negativa» ou «positiva»), a entrega à desocultação do ente enquanto tal. O próprio desvelamento é conservado no confiar-se ek-sistente, através do qual a abertura do aberto, quer dizer, o «aí», é aquilo que é.

No ser-aí guarda-se, para o homem, o fundo essencial, durante muito tempo infundado, através do qual ele recebe o poder de ek-sistir. «Existência» não significa aqui *existentia*, no sentido do aparecer e do «existir» (do ser-subsistente) de um ente. «Existência» também não significa aqui, «existencialmente», o empenhamento moral do homem por si mesmo, construído sobre uma constituição vital e anímica. A «ek-sistência», enraizada na verdade como liberdade, é ex-posição ao desvelamento do ente enquanto tal.

Trad. Carlos Morujão, Porto, Porto Editora, 1995, pp. 37-39

## TEORIA DA INTERPRETAÇÃO, Ricœur

1. Relacione conjectura e validação, explicando o significado dessa relação no contexto da obra.
2. A partir do texto abaixo apresentado, explicita a dialéctica da distanciação e da apropriação. Fundamente a sua resposta com elementos da obra.

O problema da escrita torna-se um problema hermenêutico quando se refere ao seu pólo complementar, que é a leitura. Surge então uma nova dialéctica, a da distanciação e apropriação. Por apropriação entendo a contrapartida da autonomia semântica, que separou o texto do seu escritor. Apropriar-se é fazer «seu» o que é «alheio». Porque existe uma necessidade geral de fazer nosso o que nos é estranho, há um problema geral de distanciação. A distância não é, pois, simplesmente um facto, um dado, o efectivo hiato espacial e temporal entre nós e o aparecimento de tal e tal obra de arte ou de discurso. É um traço dialéctico, o princípio de uma luta entre a alteridade, que transforma toda a distância espacial e temporal em alienação cultural, e a ipseidade, pela qual todá a compreensão visa a extensão da autocompreensão. A distanciação não é um fenómeno quantitativo; é a contrapartida 5 dinâmica da nossa necessidade, do nosso interesse e esforço em superar a alienação cultural. O escrever e o ler tomam lugar nesta luta cultural. A leitura é o *pharmakon*, o «remédio» pelo qual a 10 significação do texto é «resgatada» do estranhamento da distanciação e posta numa nova proximidade, proximidade que suprime e preserva a distância cultural e inclui a alteridade na ipseidade. (...)

Esta dialéctica pode, pois, expressar-se como a da tradição enquanto tal, entendida como a 15 recepção de legados culturais historicamente transmitidos. Uma tradição não suscita problemas filosóficos enquanto nela vivemos e habitamos, na ingenuidade da primeira certeza. A tradição só se torna problemática quando a primeira ingenuidade se perde. Temos, então, de recuperar o seu significado através e para além da alienação.

Trad. Artur Morão, Lisboa, Edições 70, 2000, pp. 54-56

## GRUPO II

- Seleccione uma obra e o tema que lhe corresponde, indicando, **DE MODO INEQUÍVOCO**, a sua escolha.
- Utilize aproximadamente 640 palavras (cerca de 80 linhas), sem contar com o plano organizador. Considere este número como indicador do grau de desenvolvimento da sua resposta.

OBRAS	TEMAS
DA NATUREZA, Parménides .....	O ser e a multiplicidade
GÓRGIAS, Platão .....	Justiça e persuasão
FÉDON, Platão .....	Alma e conhecimento da verdade
CATEGORIAS, Aristóteles .....	Substâncias primeiras e substâncias segundas
PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA, Descartes .....	O papel da vontade no conhecimento
CARTA SOBRE A TOLERÂNCIA, Locke .....	Sociedade civil e sociedade religiosa
DISCURSO DE METAFÍSICA, Leibniz .....	O homem e Deus
FUNDAMENTAÇÃO DA METAFÍSICA DOS COSTUMES, Kant .....	Autonomia da vontade e lei moral

– Desenvolva o tema correspondente à obra que seleccionou.

Na sua resposta:

- relacione o tema com o horizonte temático da obra;
- integre o tema na estrutura argumentativa da obra;
- avalie o modo como o autor trata o tema na obra.

– Comece por apresentar o plano organizador da sua resposta.

**FIM**

## COTAÇÕES

### GRUPO I

1. .... 40 pontos

2. .... 70 pontos

**Total do Grupo I ..... 110 pontos**

### GRUPO II

Item único ..... 90 pontos

**Total do Grupo II ..... 90 pontos**

**TOTAL ..... 200 pontos**